

PINGO DE LÁZAR



OS MONTANHEIROS

SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA
ILHA TERCEIRA - AÇORES

NÚMERO 10

BOLETIM INFORMATIVO

25 OUTUBRO 1991

ACTIVIDADES - 1991



ENCERRAMENTO DE "O OLHO DO MILHAFRE"

Conforme estava programado, decorreu no dia 5 do corrente mês de Outubro o último passeio de "O OLHO DO MILHAFRE - 91", a que se seguiu a anunciada festa de encerramento.

A escolha do local para esta derradeira caminhada, o MONTE BRASIL, prendeu-se com a existência de estruturas mínimas indispensáveis para a confraternização final.

Pelas 10H00, cerca de duas dúzias de participantes "arrancaram" da Sede de OS MONTANHEIROS rumo ao Monte Brasil, com passagem pelo Relvão e pela Guarda do Castelo.

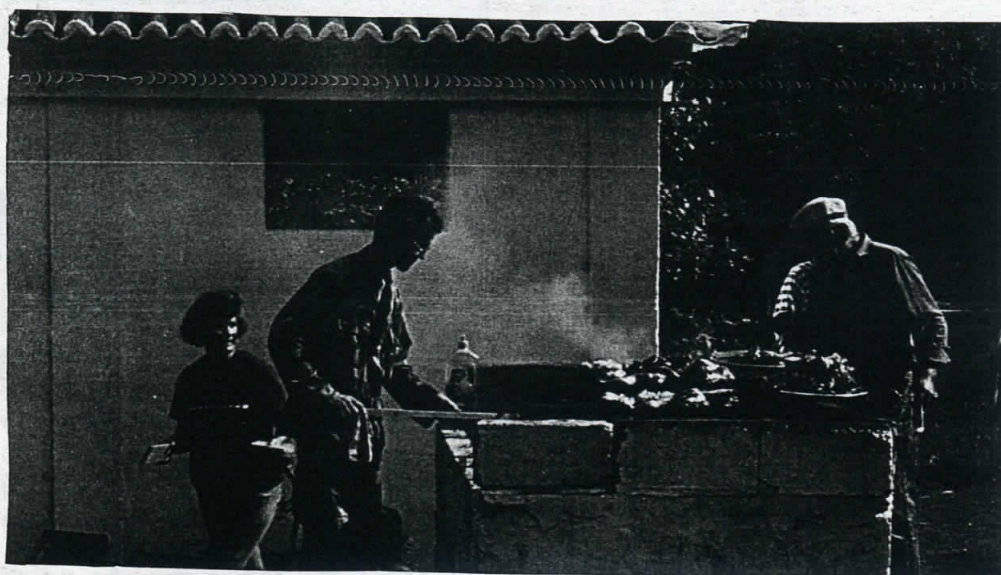
Cnegrados à Ermida de Santo António, atalhou-se para a histórica Pousada do Regalo e daí para a muralha ribeirinha, que foi percorrida em quase toda a sua extensão até às instalações do faroleiro, na base do Pico do Facho.

Iniciou-se então a ascensão dos cerca de 200m deste pico, ora por "picada" ora a corta-mato, no cimo do qual se fez uma breve paragem.

2 Seguiu-se a descida, a corta-mato, para a Quebrada, cuja fortaleza (ruínas) foi atingida cerca das 12H20, aproveitando alguns mais destemidos para se abeirarem do mar, e outros para uns minutos de descanso antes da subida para o pico da Vigia, também a corta-mato.

Por último, rumou-se para o pico do Zimbreiro, utilizando-se as "picadas" existentes, e de onde todos observaram a bela panorâmica sobre a zona ribeirinha de São Mateus e Fanal. Daqui, atalhou-se para as ruínas do forte de São Diogo, com passagem por uma fenda aberta pelo sismo de 1980 (com considerável fundura, na ordem das muitas dezenas de metros).

Nas imediações do forte de São Diogo, junto ao mar fez-se uma ligeira paragem, antes da etapa final da caminhada., a subida para o parque do Monte Brasil, onde Jorge Silva, o "avôzinho" se afadigava no aprontar da churrascada, auxiliado pela Marcelina e pelo Roberto Pereira. Eram 14H40.



Soube-se então que um precalço acontecera, a ausência de lenha, o que motivou algum atraso na confecção do churrasco, que só uma hora mais tarde estaria apto a ser saboreado. Mas estava ótimo, O "avôzinho" é um mestre!

Acabado o repasto, foi entregue a cada um dos participantes o diploma comprovativo da presença em "O OLHO DO MILHAFRE".

Além dos já acima mencionados, estiveram presentes neste último dia: Abílio Pereira, Aguinaldo Antunes, Cláudia Cecílio, Daniel Bettencourt, Dora Alencastre, Fernando Pereira, Graça Alves, João Araújo e esposa, João Silva, José Maria, Luísa Gomes, Luís Pimentel, Luís Vasconcelos, Manuel Aguiar, Manuel Martins, Odília Teixeira, Paula Cecílio, Paulo Barcelos, Pedro Gomes, Ricardina Machado, Roberto Pereira, Silvia Cunha e Valdemiro Estêvão.



PERFIL



ZEZINHO DE VILA FRANCA

TRABALHOS DE CAMPO

"Carta de Fouqué a Ch. Sainte Claire-Deville, datada, em Angra, de 20 de Outubro de 1867:

(...)

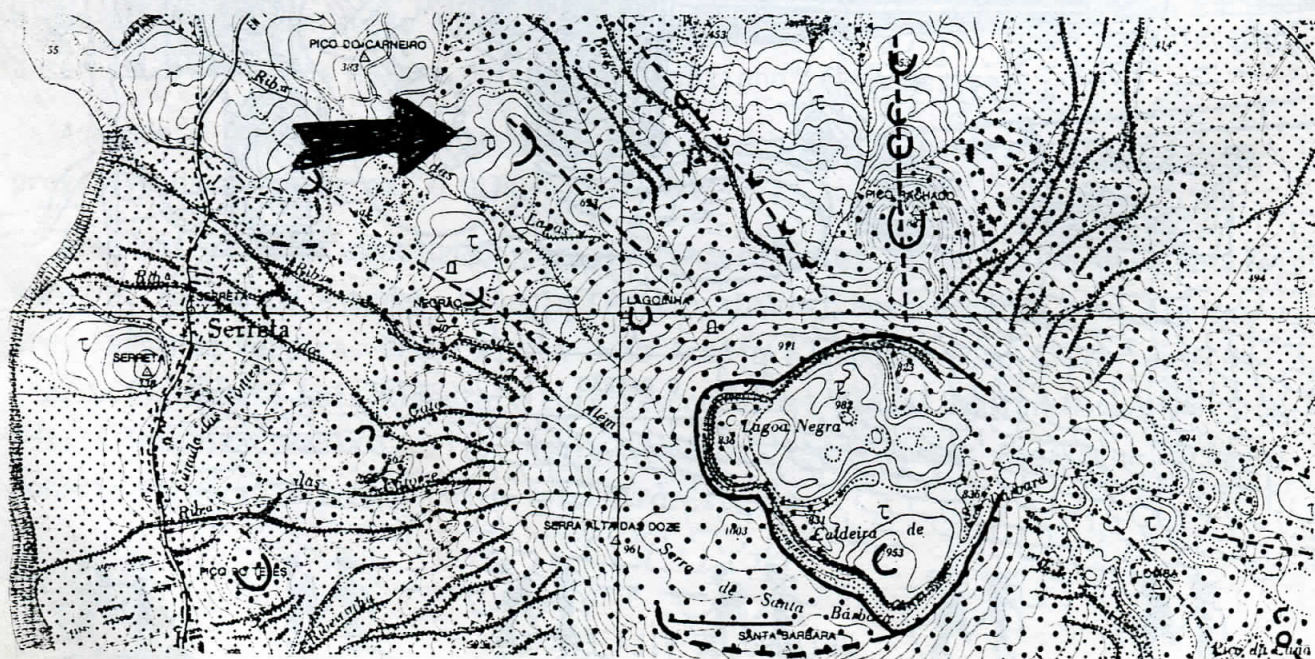
O terceiro ponto, onde se opera ainda uma saída de ácido carbónico, é uma antiga cratera situada ao pé e pouco a NE do Pico Negrão, no território da Serreta, muito perto do cone que deu saída ao derrame traquítico da Serreta, o qual não é o pico Negrão, como parece indicar o mapa inglês e também a Estampa IX, fig.3 de Hartung, mas um cone irregular, remexido por uma erupção ulterior, que se encontra por baixo e a NE do pico Negrão.

A cratera de onde sai o ácido carbónico referido está aberta ao nível do chão: forneceu muito poucas escórias, amontoadas principalmente a E, e dois pequenos derrames de lavas basálticas, apenas com 35 a 30m de comprimento.

Esta cratera, chamada das Furnas, tem a forma de um poço de cerca de 10m de abertura, e 5 ou 6m de altura; com a profundidade, diminui de largura. A sua profundidade total é de cerca de 300m, o que pode deduzir-se pelo tempo de 8 segundos que uma pedra leva para cair até o fundo daquele algar.

No fim da sua queda, a pedra encontra um lençol de água. Aquela cratera tão curiosa pela sua forma, é-o, também, pela presença de ácido carbónico que a enche, visto que uma lanterna acesa se apaga nitidamente, quando se tenta descê-la dentro."

("AS OBSERVAÇÕES DE F.FOUQUÉ SOBRE O VULCANISMO DOS AÇORES",
G.Zbyszewski, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, Vol. 4,
1966-1967)





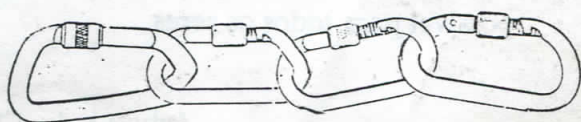
As referências de Fouqué ao algar da Serreta têm, de algum tempo a esta parte, levado OS MONTANHEIROS a realizarem várias batidas na zona indicada poa aquele cientista francês, na expectativa de encontrar aquela cavidade.

Contudo, essas tentativas têm resultado infrutíferas, como aconteceu com as últimas realizadas, precisamente nos dias 14, 15 e 16 de Setembro passado.

Com efeito, e com o único objectivo de localizar o já célebre Algar, ou no mínimo algum indício dele, OS MONTANHEIROS estabeleceram um acampamento na zona indicada pela seta no recorte de mapa da página anterior e ilustrado pela foto acima, a fim de rentabilizar os períodos de busca, e no qual pernотaram os membros das pesquisas : Fernando Pereira, João Silva, Paula e Cláudia Cecílio, Mário Rui e Cecília. Receberam a colaboração, apenas no dia 14, do José Maria e Luís Vasconcelos.

Durante os três dias que durou a missão, foi batida uma parte considerável da área onde estará implantado o Algar (tendo em mente a descrição de Fouqué), mas infelizmente os resultados das buscas foram negativos, sendo até possível que tal buraco esteja tapado decorridos que são mais de 120 anos sobre a notícia de Fouqué. De qualquer modo, as buscas irão continuar até toda aquela zona ter sido completamente vasculhada.

Para finalizar, cabe aqui deixar um agradecimento aos responsáveis do Serviço de Protecção Civil que disponibilizaram as tendas para o acampamento.





Conhecimento e Incerteza

1. Não compreendemos inteiramente o modo de funcionamento do nosso mundo; nem sequer conhecemos o **quanto** desconhecemos.

Exemplo: Existem cerca de 400 centrais com poder nuclear, cada uma delas produzindo desperdícios radioactivos com semi-vidas de até 24 000 anos. A tecnologia nuclear tem vindo a ser continuada como se alguém soubesse, com alguma certeza, o modo de evitar acidentes catastróficos, de desactivar centrais em segurança, de evitar que resíduos tóxicos penetrem na biosfera e hidrosfera durante dezenas de milhar de anos.

Produzimos de acordo com uma hipótese de muito maior conhecimento do que o real, e o risco, em caso de falha é tremendo.

2. Tomamos decisões baseadas em grandes graus de incerteza. Quando os resultados podem ser devastadores e irreversíveis, devemos gerir esses riscos muito cautelosamente.

3. Numa situação de incerteza, o procedimento adequado será a cuidadosa avaliação dos factores em jogo, a experimentação controlada e um processo honesto e constante de avaliação de resultados e disposição de alterar a estratégia adoptada numa primeira fase.

Uma conclusão possível

1. Um ambiente saudável e belo não é um luxo: é uma necessidade humana básica, tal como o fornecimento de água limpa e fresca, cuidados com a saúde, alimentação, comunicação, educação, energia ou necessidades culturais e espirituais.

2. A aplicação da educação ambiental leva o indivíduo a tomar consciência da parte de responsabilidade que lhe cabe na criação do Ambiente. Em todos os locais onde existem pessoas determinadas a construir um mundo melhor, estão hoje a ser plantadas florestas, construídas barreiras que evitam a erosão, limpos sistemas aquáticos ou fomentada a utilização saudável do ambiente natural, tornando a Vida cada vez mais possível para todos os seres.



Os Montanheiros

consideram «Furna das Anelares»,
sita à Lombega, de grande interesse turístico

«Ao pretender efectuar melhoramentos no caminho sito na Ribeira da Lombega, lado sul, a Câmara Municipal da Horta foi confrontada com a existência de uma cavidade vulcânica no meio daquela via de acesso. Estando a autarquia sensibilizada para a protecção do património natural, deliberou em reunião contactar «Os Montanheiros» para proceder à exploração e estudo do interesse da referida cavidade».

Assim começa o relatório produzido pela agremiação «Os Montanheiros» de Angra do Heroísmo, para a C.M.H. a que «O Telégrafo» teve acesso.

Confrontados com o pedido, uma equipa daquela sociedade de investigadores que, no Pico, desenvolvia trabalhos da especialidade denominados de «Missão Torres91» deslocou-se ao Faial no dia 1/4 do corrente ano e procedeu ao estudo da cavidade em causa.

Num trabalho dividido em três frentes: - entomologia, geologia topografia a equipa exploradora concluiu que a cavidade tem a configuração de um tunel, característico de tubo de lava ficando a entrada a 3.40m de altura do chão. O pavimento é de lava escoriácea bastante áspera do tipo «aa» estando os tectos revestidos de estalactites deitadas em forma de lâminas de cor acastanhada. Como curiosidade ainda não encontrada em nenhuma outra gruta já explorada nos Açores regista-se o aparecimento de várias estalactites «anelares» que, afinal, pela sua originalidade deram o nome à furna.

Este tubo, segundo «Os Montanheiros» tem 35,5m de comprimento, altura máxima de 4m, mínima de 0,70m, largura máxima de 2,50m mínima de 1,40m com orientação ao Norte entre 105° a 165°.

Ainda segundo o relatório dos exploradores a cavidade é de grande interesse científico pois, como já referimos, é a única até à data da sua investigação conhecida nos Açores com estalactites «anelares». Pensam, ainda, aqueles estudiosos das coisas do subsolo que a cavidade explorada será um troço secundário de uma galeria de maiores dimensões que se situará por debaixo do serrado a nascente do caminho que foi fechado pelos proprietários do mesmo, afirmando, mesmo, que há indícios de que assim seja.



O PASSADO E O PRESENTE DA ESPELEOLOGIA PICOENSE

A Ilha do Pico constitui, nos Açores, o maior manancial de tubos vulcânicos, que emergiram das várias erupções ocorridas na aba da grande Montanha.

Infelizmente, e é duro dizê-lo, não existe um núcleo de espeleólogos locais para contabilizarem toda aquela riqueza natural, como bem patente fica da entrevista que nos concedeu, no passado dia 10 de Junho, Albino Garcia, destacada individualidade e um dos poucos picoenses que se interessam pela espeleologia.

Aquando da expedição de OS MONTANHEIROS ao Pico, ARCOSPEL 91, fomos acompanhados nas surtidas às grutas e algares das Bandeiras, designadamente, pelo senhor Tirana, (Vasco Sousa), que representa, digamos assim, o passado da espeleologia picoense (na foto abaixo, pode-se vê-lo, em cima à esquerda, em companhia de elementos daquela expedição, junto à Gruta do Cadete). Homem já com 67 anos de idade e um tanto inferiorizado fisicamente, percorreu nos seus tempos de juventude, variados tubos vulcânicos da Ilha, incentivado pela leitura de livros da especialidade, nomeadamente relatos de aventuras passadas no subsolo.

Tirando estes dois homens, não temos conhecimento de outros interessados por esta actividade, o mesmo ressaltando das confidências que nos fez Albino Garcia, e que abaixo publicamos:



PL - Como te apareceu a ideia de te meteres em grutas e algares?

AG - Foi desde sempre. Eu nasci e vivi numa casa edificada em cima de uma gruta, onde meu pai fizera um tanque, (já que não havia água canalizada) e, nas redondezas da casa, nas Bandeiras, existiam várias grutas que ainda lá estão.

Portanto, comecei desde rapazinho, com vizinhos meus, a meter-me nas grutas, a primeira das quais foi a da Miragaia, em 1960. De então para cá, nunca mais parei.

PL - Num tentaste congregar, para a espeleologia, um grupo?

AG - Tentei, já há muitos anos. Che-

gámos a ter um grupo mais ou menos composto; todavia, era espontâneo, sem estruturas nem estatutos e, principalmente, sem orientação, pois éramos todos muito novos, dos 12 aos 18 anos.

Desde que entrei para o C.A.I. (Clube dos Amigos da Ilha), tenho feito alguma força para se criar um grupo vocacionado para a espeleologia, mas até à data, apenas apareceram 2 elementos, o Victor Fraga e o Carlos Silva, e nenhum deles é sócio do clube.

O C.A.I. tem mais de 200 sócios, mas, na quase totalidade, não se encontram motivados para a espeleologia.

Aliás, nem as próprias autoridades locais estão sensibilizadas para esta área. Nunca tivemos apoio, mas, em boa verdade também nunca o pedimos, já que

que está praticamente em ruínas, mas de pedra trabalhada e traça. O ano passado adquirimos o resto do terreno adjacente, um vasto quintal. Mas não temos dinheiro para a reconstrução. As Obras Públicas prometeram-nos (e parece que já o fizeram) o respectivo levantamento e um projecto de recuperação.

Quanto às actividades, essencialmente são a defesa do património natural, arquitectónico, cultural; também a investigação histórica e científica, enfim, tudo o que nos for possível, embora para já não tenhamos pessoal na área científica.

Temos um grande problema aqui no Pico: para além de a população ser pouca, ela não é fixa, designadamente na sua componente jovem; nunca há uma boa as-



só agora começamos a pensar seriamente na ideia da formação de um grupo.

PL - Fala-nos do C.A.I. Tem Sede? Que actividades engloba? Promove passeios a pé pela Ilha?

AG - Não temos Sede. Comprámos há 3 anos uma casa (histórica), a do capitão mor (herói do liberalismo), na Madalena,

sociação, um bom grupo de futebol, uma boa filarmónica, bons ranchos folclóricos, já quem inicialmente constitui estes grupos, desloca-se depois para as outras ilhas, em busca de trabalho ou para estudar.

No que respeita a passeios a pé pela

Ilha,nunca os promovemos,embora pensemos fazê-lo brevemente. Contudo, é uma área em que todo o cuidado é pouco,já que terá que haver um mínimo de segurança,exigindo a presença de indivíduos experimentados e conhecedores dos terrenos, uma vez que são inúmeros os buracos existentes.

O que se fez e em que tenho colaborado foram passeios campestres,com alguns turistas. Todos os anos,costumo ir com o sr.Garcia da Residencial Pico, marcar ou escolher os caminhos, o que também vai sendo difícil,pois caminhos antigos(inclusivé com interesse histórico),como os que constituíam a ROTA DO Verdelho ou a Rota dos Inhames,cruzam-se actualmente com caminhos asfaltados (eles próprios têm já alguns troços asfaltados) e os turistas não querem isso. Por exemplo, o Caminho dos Romeiros,no Bom Jesus, um dos mais interessantes,que ia das Bandeiras a São Mateus(mais de 20km), onde cheguei a participar em miúdo,e onde se transportavam bezerros para arrematação e pagamento de promessas, está completamente estragado,pois em mais de metade é já uma estrada; era até usual passar-se por algumas grutas onde os romeiros enchiam as suas bilhas.

PL - Voltando às grutas e algares, tens algum registo das tuas pesquisas?

AG - Cheguei a ter um caderno com apontamentos. Fiz croquis de várias cavidades,como a do Capitão,da Miragaia e Furna da Água,mas veio o terremoto, a casa de meu pai abateu-se e perderam-se esses registos; eram vários desenhos,muito imperfeitos (não tínhamos

bússolas nem instrumentos para medidas, era tudo mais ou menos a olho),mas davam uma ideia das grutas.

PL - Sabemos da tua prisão numa dessas grutas. Conta-nos o que se passou?

AG - Foi na Gruta do Capitão. Olhámos cá de cima,parecia-nos um algar,mas ignorávamos o que lá havia. Desci com uma corda delgada,que dava pouca segurança. Fui descendo com os pés apoiados à parede,até que fez uma aba,faltou a parede e fiquei só com a corda. Sem força nas mãos,deixei-me cair. Valeu que havia galhos de árvores que foram amparando a minha queda e o fundo da cavidade era arenoso. Fiquei estonteado e ouvi meus colegas lá em cima a comentarem que se calhar eu havia morrido. Chamaram por mim,respondi-lhes,mas não ouvi-am em boas condições.

Para me tirarem lá de dentro,lembra-ram-se de uma escada bem grande,e onde as havia era na Igreja(para a caíarem), e então eu concordei e pedi-lhes para irem falar com o padre,mas não dissessem a mais ninguém,pois não queria assustar a minha família,que até nem via com bons olhos as minhas andanças pelas grutas. Lá foram,mas nada conseguiram. Era quase noite e não encontraram ninguém. Regresou um deles e atirou-me umas urzes,para eu fazer uma fogueira,e uma vela que acendi. Tentaram improvisar uma escada com paus de incenso,mas com os nervos não atinavam a pregá-la em condições,e a escada não tinha altura suficiente.

A solução encontrada foi a de amarrar um grosso pau na ponta da corda e e assim me puxaram e logrei sair!

PL - Tens acompanhado incursões de espeleologia, além de as de OS MONTANHEIROS?

AG - Acompanhei alguns estrangeiros: suecos, franceses, um japonês e um espanhol. Os franceses, ao que me pareceu, desenvolviam trabalho interessante, e-laborando croquis, o que pressupunha um mínimo de estruturação.

PL - Que achas das vindas ao Pico de OS MONTANHEIROS?

AG - Veja muita necessidade das vossas vindas à Ilha. Têm despertado as pessoas para a questão da preservação dos tubos vulcânicos. Tenho reparado que na Gruta das Torres, e após a vossa exploração, tem sido muito visitada por grupos de curiosos, sobretudo por conselho de Manuel Pereira, filho do dono do terreno, e noto que os visitantes respeitam a integridade daquela enorme cavidade, o que não aconteciam anteriormente. Veja-se o caso da Furna de Frei Matias, autenticamente delapidada, inclusivé com o apoio de organismos oficiais da Ilha: quase todas as maravilhosas estalactites que lá havia, estão para o estrangeiro (foram arrancadas ao seu habitat natural e vendidas na delegação de Turismo, depois de colocadas em bases de cimento). Durante

muitos anos foi assim; eu próprio também o fiz, embora nunca arrancasse as estalactites: trazia sim pedras do Algar do Tambor, as que havia na boca dele, e fazia as referidas bases.

A vossa presença cá é motivação para muitas pessoas e também fonte de conhecimento para vocês. Só foi pena que não tenha havido desta última vez uma eficaz difusão da vossa vinda.

(A propósito, PINGO DE LAVA está em condições de afirmar que, a tempo e horas, foi contactada a TV e deu-se-lhe conta da expedição. Não apareceram porque não quiseram)

PL - Qual a tua opinião sobre trazer os nossos meios para iluminação de uma cavidade, convidando-se as autoridades?

AG - Talvez fosse uma boa ideia, para sensibilização das autoridades locais, e julgo até que, sem querer "passar a bola", se vocês se dirigissem formalmente ao C.A.I. sugerindo essa eventualidade, talvez eles dessem conta da inactividade de que têm estado possuídos.

O que estiver ao meu alcance, como sabeis, procuro sempre realizar, tanto no Ilha Maior como no Telégrafo, mas seria bom que vocês contactassem o próprio Clube dos Amigos da Ilha, propondo essa iniciativa.



Mestre "Tirana" e os elementos da expedição ARCOSPEL 91, em sua casa

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (8)

- ILHA DE SÃO JORGE -

GRUTA DA BEIRA

A GRUTA DA BEIRA situa-se na freguesia do mesmo nome, no serrado do senhor João Machado Barcelos. Fica a 300 metros da última casa a seguir ao cruzamento com o caminho para o cemitério, a cerca de 150 metros da estrada (Canto dos Sabugos).

De acordo com a "Notícia Explicativa das Folhas A e B da Ilha de São Jorge", dos Serviços Geológicos de Portugal, a Gruta da Beira fica integrada no complexo vulcânico dos Rosais, cujos basaltos predominantes são os porfíricos.

Este túnel de lava deve ter sido originado, ou no Piquinho ou no Cimo do Covão, embora não tenhamos elementos que nos deem, com segurança, essa origem.

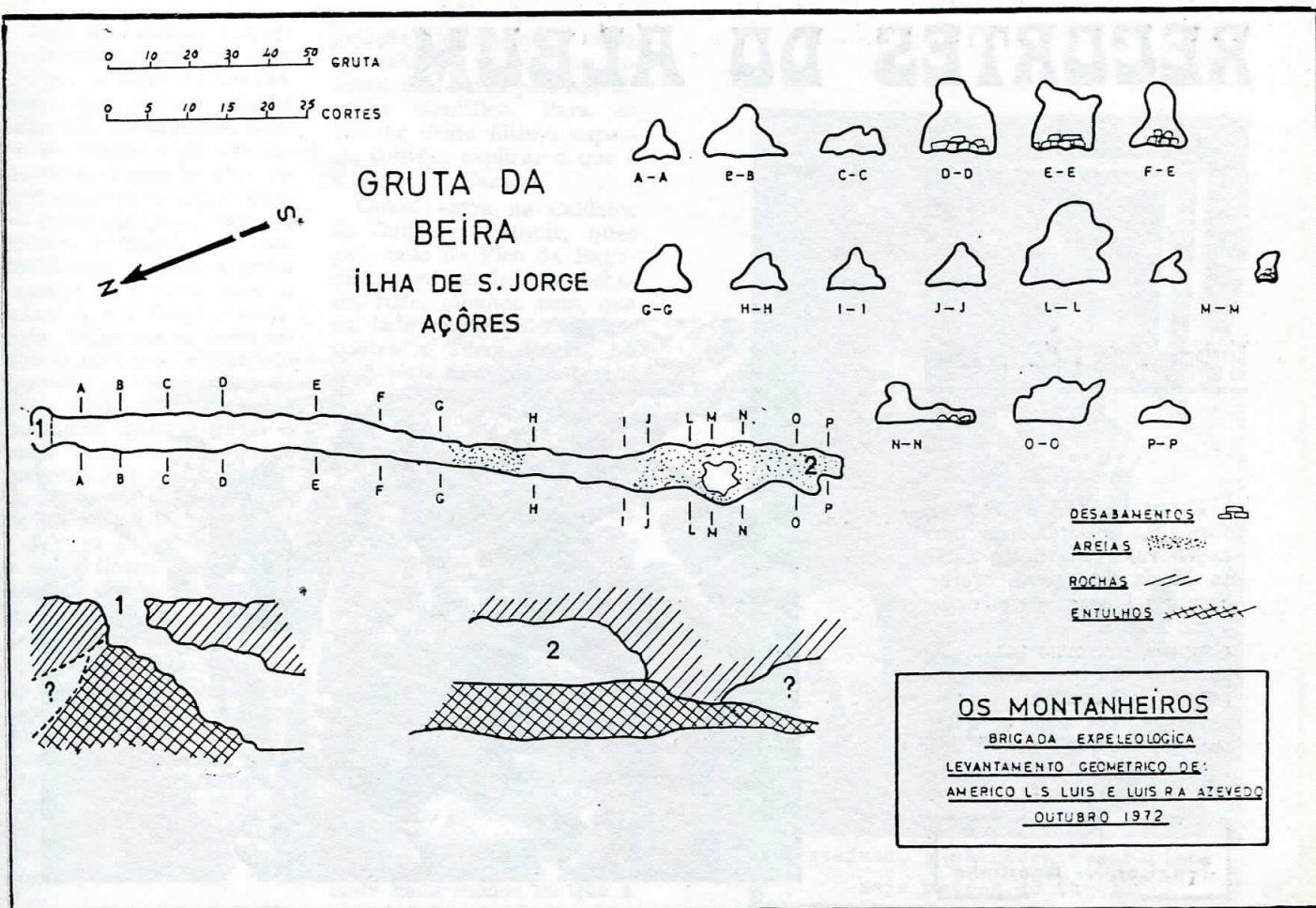
A orientação geral do corredor é, sensivelmente, NNW, com escoamento para SSW, em direcção ao mar.

A entrada da gruta, com as dimensões 10 x 6 metros, é feita através da abertura que resultou de um desmoronamento do tecto do corredor vulcânico. Também serve para depósito de pedras, restos de culturas ali colocadas pelo proprietário, aquando da amanha da terra.

O túnel prolonga-se aproximadamente 200 metros para juzante da entrada, terminando numa sala entulhada com terras arrastadas pelas águas das chuvas. O aspecto da abóbada e lados transmite a ideia de o túnel ter continuação, para o que é necessário proceder a trabalhos de remoção de terras.

Também na zona da entrada a Gruta deve continuar para montante, atendendo à grande altura e largura da mesma naquele local, necessitando também de trabalhos de limpeza para continuação da exploração.

Em toda a extensão do túnel notam-se alguns aluimentos dos tectos e das paredes laterais, encontrando-se o pavimento coberto, em toda a extensão, de terra com muitos buracos motivados pela infiltração das águas através dos tectos.



Não se conseguiram identificar bancadas de lava.

Nos tectos, existem diversas estalactites que, em muitos locais, estavam cobertas com formações de depósito de cor clara (semelhante às encontradas na Gruta das Agulhas, na Ilha Terceira).

Esta GRUTA DA BEIRA, devido às suas grandes dimensões e beleza invulgar, e bem assim à facilidade de acesso e de progressão no interior, deveria ser aproveitada para os circuitos turísticos, tornando-se necessário executar trabalhos de limpeza na entrada da Gruta e no final da mesma, rectificar o pavimento em alguns troços e, finalmente, iluminá-la.

Teria a Ilha de São Jorge mais um atractivo para os visitantes que a demandam.

(Estes dados resultam da expedição "MISSÃO MONTOSO-88", em que participaram Fernando Pereira, Manuel Aguiar, Luís Parreira e Marcelina Alves; e também da "Missão São Jorge-90", onde se apresentaram ainda Palmira Fernandes e Luís Vasconcelos, tendo-se procedido, essencialmente, ao levantamento fotográfico e espeleométrico).



RECORTES DO ALBUM

Os Montanheiros e o Algar do Carvão

Estas ilhas dos Açores, formadas inteiramente por acção vulcânica, desde Santa Maria ao Corvo, oferecem aos homens de ciência, como aos simples visitantes curiosos, um mostruário assombroso do que é, do que pode, o vulcanismo.

O espectáculo das grandes caldeiras e dos picos, morros e cabeços que as cercam, dos mantos de lava que se

Pelo

Ten.-Cor. J. Agostinho

espalharam e correram para as costas, das ravinas e grotas que fendem os flancos das montanhas, as quebras das alterosas, os ilhéus que restam como fragmentos dispersos dos grandes moles que o mar foi desfazendo através dos séculos, tudo isso constitui novidade empolgante para o homem do continente, habituado geralmente a panoramas mais suaves e repousantes.



As sacudidelas que agitam o solo de tempos a tempos, os fumos que dele se soltam em alguns lugares, as Furnas do Enxofre, aqui na Tereira, e sobretudo o quadro prodigioso das Furnas da ilha de São Miguel, mostram que por baixo desta paisagem calma, se agitam ainda forças tremendas, ca-

pazes de mudar em poucos dias, ou em poucos meses, como aconteceu recentemente nos Capelinhos, a face de uma parcela do solo que até então se tinha por definitiva e imutável. Às vezes até mesmo capazes de formar uma ilha nova.

Tudo isto desperta naturalmente a curiosidade de vislumbrar o que vai lá por baixo, o que é que resta dessas convulsões de outras eras, que possa dar uma ideia do que aconteceu e do que ainda estará para acontecer. Furnas, buracos, algares, encontram-se por todas as ilhas, mas raramente têm sido explorados a fundo. A Furna da Caldeira, na Graciosa, é, pelas suas dimensões e imponente configuração, a mais notável e conhecida, tal como a Furna dos Enxaréis, nas Flores, adquiriu justa fama, escancarada para o mar, perto de Santa Cruz. O acesso a nenhuma delas é aliás difícil, tendo o da Furna da Graciosa sido há anos muito facilitado pela construção de uma escada de pedra, obra perfeita, desenhada e executada pelo falecido tenente Severo dos Reis, natural daquela ilha.



Aqui na Terceira era conhecido, desde tempos muito antigos, o algar do Carvão, mas nunca ninguém o tinha explorado até ao fundo. Houve há muitos anos um entusiasmo desusado pelo reconhecimento do algar. Houve gente corajosa, que se atreveu à descida até uma plataforma estreita, a umas dezenas de metros, mas a manobra era difícil e arriscada. Antes que se desse algum desastre, o tio Cândido Corvelo, famoso ganadero da Terra Chã, dono daquelas pastagens, mandou cortar o cedro onde os entusiastas amarravam a corda por onde desciam e subiam, a fim de lhes esfriar o entusiasmo.

Julgava o tio Cândido que o algar ficaria assim para sempre liberto da curiosidade atrevida de moços arrojados. Mas enganou-se. A oportunidade voltou quando os Montanheiros, depois de explorarem montes e matos por essa ilha, resolveram, com a sua costumada decisão, voltar-se para furnas e algares ainda mal explorados. No Algar do Carvão culminou o apogeu dessa decisão.

Começaram por descidas pelo processo primitivo, o qual foram aperfeiçoando pouco a pouco, acabando por executá-las com dispositivos engenhosos e precauções de segurança que lhes têm permitido fazer uma exploração sistemática do algar. Tem assim descoberto e referenciado todos os pormenores do algar até uma profundidade de cento e cinco metros. Perfis cotados e medidos a rigor acham-se expostos na sede da associação, na rua de São João. Há poucos dias numa reunião, a que compareceram, além do Chefe do Distrito, as mais categorizadas autoridades administrativas da Ilha, assim como representantes de várias actividades culturais, foi possível fazer uma ideia do que é o Algar do Carvão, através de uma exposição do Presidente da Direcção dos Montanheiros, Senhor Américo Silveira Luís, exposição ilustrada com belíssimas fotografias a cores, projectadas num écran, e da autoria do montanheiro-fotógrafo, Sr. Rafael Azevedo.

Pudemos então apreciar, bem patentemente, o valor das explorações feitas pelos Montanheiros no Algar do Carvão, não apenas como re-

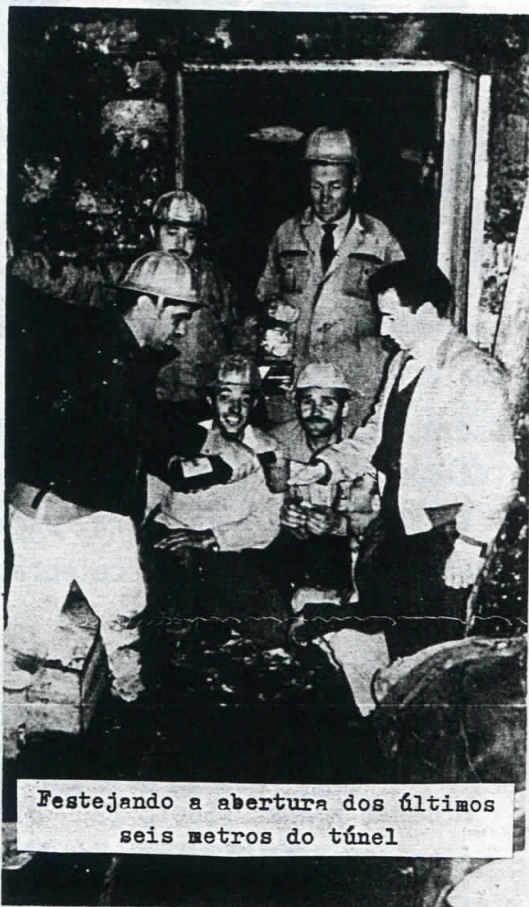
velação de qualquer coisa que empolga um simples curioso, mas ainda pelo seu alcance científico. Para se ajuizar deste último aspecto, convém explicar o que é o Algar do Carvão.

Quem entra na Caldeira de Guilherme Moniz, quer pelo lado do Pico da Bagacina, quer pelo lado da Achada, nota, olhando bem, que do lado norte da Caldeira, contra a Terra Brava, há uma série de picos, cobertos de pastagens, cujo aspecto contrasta quer com o do biscouto que enche a Caldeira, quer com os pináculos negros da Terra Brava. Todos esses picos, incluindo o Pico do Arieiro, o Pico do Gualpanar e mesmo o Pico da Bagacina, são de formação recente em relação à Caldeira e à Terra Brava. Formados por escórias vulcânicas, a que chamamos bagacinas, estiveram em actividade, mas sem derramamento de lava. Finda essa actividade, as suas chaminés fecharam-se, como é usual. Fecharam-se todas, menos a do pico

onde está o Algar do Carvão, algar que não é nada mais nada menos do que a chaminé da erupção que formou o dito pico, a qual não se tapou, mas ficou ali escancarada.

É raríssimo que isto se dê em qualquer erupção, grande ou pequena. Mas esta ficou para mostrar aos leigos, como aos entendidos, como é a chaminé de um vulcão. Entra-se lá dentro e verifica-se então como a saída dos materiais da erupção, impedidos por forças tremendas, transmitidas por colunas compactas de gases e de vapor de água, a altíssimas temperaturas e pressão enormíssima, deu origem não apenas a um canal mais ou menos regular como o de uma chaminé. A saída efectuou-se obedecendo às resistências que os materiais e gases foram encontrando e ficou por isso sinuosa. Onde os gases encontraram menor resistência, formaram-se, ao longo da chaminé, bolsas, aneurismas e divertículos, que constituem as cavernas abobadadas e as furnas que os Montanheiros têm encontrado e que tanto os surpreendem.

Por esta breve explicação se pode alcançar o interesse do trabalho que eles estão executando e o valor que terá a facilitação do acesso ao



Festejando a abertura dos últimos seis metros do túnel

algar pela abertura de um túnel que deles começaram a romper no flanco do Pico e que permitirá entrar no algar com uma comodidade muito maior.

Outras explorações têm feito os Montanheiros, descobrindo, sob o solo da nossa ilha, novas furnas ou levando mais longe o reconhecimento de algumas já inicialmente exploradas. Na mesma reunião da semana passada foram apresentadas igualmente fotografias de algumas dessas furnas e postos em exposição nas salas da associação materiais recolhidos nas mesmas, uns já conhecidos, outros que requerem exame minucioso, só possível em laboratórios bem

apetrechados e feito por pessoal especializado, algumas novidades, porventura.

Nesta curta conversa não se pretende, nem é possível, dar mais do que uma resumidíssima ideia do que tem sido a actividade subterrânea (no verdadeiro sentido do termo) desse agrupamento de entusiastas, que constituem a Sociedade «Os Montanheiros», a qual bem merece o apoio das pessoas e entidades que estejam em circunstâncias de lho dispensar.

J. Agostinho

Palestra no Rádio Clube de Angra

AMÉRICO DE LEMOS SILVEIRA LUIZ foi o principal mentor e obreiro da Sociedade Espeleológica OS MONTANHEIROS, já lá vão quase 30 anos. Sem o seu esforço e as suas diligências, dificilmente a Sociedade teria vingado. PINGO DE LAVA já cumpriu a obrigação de evocar, em números anteriores, a figura deste fundador e 1º Presidente de OS MONTANHEIROS, ausente no Continente português desde os anos 70.

Voltamos a fazê-lo agora, para desejar ao sócio nº 1 desta colectividade as maiores felicidades pela celebração, no passado dia 9 do corrente, do seu aniversário.

Estes votos são extensivos a todos os associados de OS MONTANHEIROS, a seguir mencionados, também aniversariantes neste mês de Outubro:

Alberto Soares (Sócio 22 - Dia 13) - Alvaro Monjardino (77 - 6) - António Coelho (92 - 5) - António Ponte (711 - 16) - António Toste (703 - 26) - Brito Simas (322 - 23) - Carlos Barcelos (702 - 8) - Carlos Raulino (96 - 9) - Dalberto Faria (221 - 11) - Daniel Alves (585 - 8) - Délcio Sousa (399 - 15) - Di-lermano Cabeceiras (253 - 21) - Fernando Gomes (449 - 19) - Francisco Martins (143-29) - Francisco Rebelo (420-20) - Guilherme Rocha (520-17) - Isabel Corte-Real (429-14) - João Borges (405-22) - João Valentim (144-27) - José Lima (79-1) - José Magalhães (244-5) - Lino Silva (542-20) - Manuel Sousa (580-14) - Marco Escobar (733-8) - Maria Antonieta Firmino (707-12) - Maria Filomena Silva (753-25) - Nelson Valentim (298-4) - Nuno Maciel (512-31) - Nuno Monteiro Pais (46-4) - Renaldo Costa (434-30) - Weber Melo (214-19).

PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS"

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rocha, 6/8

9700 ANGRA DO HEROÍSMO - TERCEIRA/AÇORES

Tel. 22992

+ Distribuição Gratuita +

